

La Niña pode agravar pressão sobre oferta e preço dos alimentos

Por Letras Ambientais
sexta, 11 de setembro de 2020



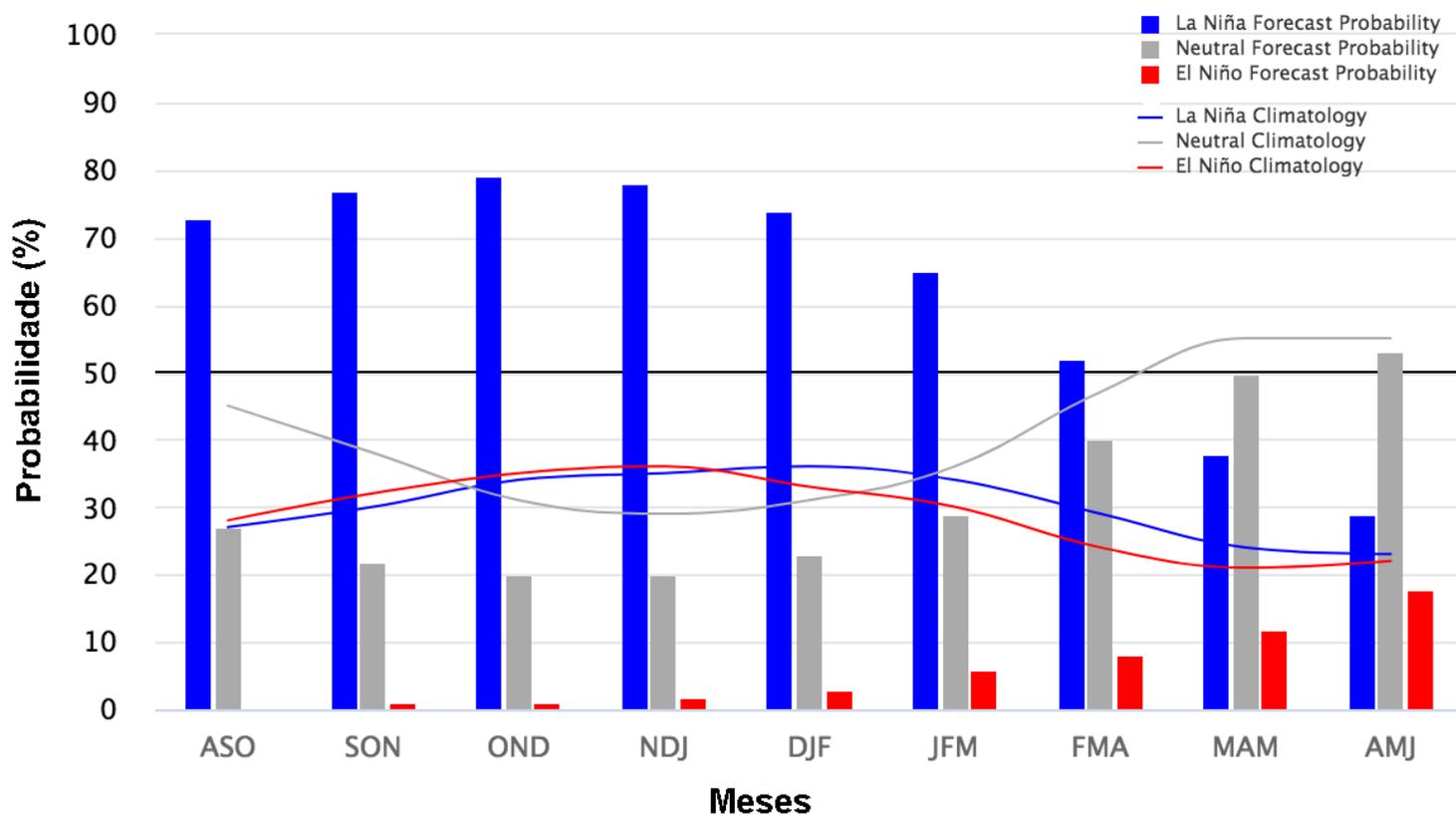
No Brasil, alto nos preços do arroz prejudicam mais populações de baixa renda.

Pesquisadores da Administração Oceânica e Atmosférica Nacional (NOAA), dos Estados Unidos, emitiram um aviso, na última quinta-feira, dia 10 de setembro,

confirmando a presença do La Niña, no oceano Pacífico. Segundo a previsão, há cerca de 75% de chance de que essas condições continuem durante o verão. Como era esperado, o [La Niña está presente](#) e os seus efeitos já são sentidos no Brasil.

Um La Niña se forma quando a superfície do oceano Pacífico esfria, ficando abaixo da média de longo prazo, na costa do Equador, Peru e norte do Chile. **Para a confirmação do La Niña**, é preciso que as temperaturas fiquem abaixo de $-0,5\text{ }^{\circ}\text{C}$, por pelo menos três meses consecutivos.

Desde o último mês de agosto, a atmosfera já responde ao resfriamento das águas do Pacífico tropical. Além da temperatura mais fria, das regiões central e leste do Oceano, observou-se, em setembro, que **o padrão de circulação atmosférica tropical está consistente com o La Niña**. A previsão é de que essas condições devem permanecer, pelo menos até abril de 2021.



Previsão de consenso do La Niña, até abril de 2021. Fonte: IRI/CPC.

Neste post, iremos analisar como o La Niña afetará o clima nas regiões brasileiras, nos próximos meses, e **que impactos são esperados, para a produção de alimentos no País**. O assunto interessa a todos, sobretudo nesse período de pandemia, no qual já enfrentamos problemas com a oferta e os preços de alimentos essenciais, como arroz, óleo de soja, feijão, cebola, tomate, leite, carnes e frutas.

>> **Leia também:** [Um La Niña está em formação, para a primavera de 2020](#)

Nos próximos meses, o La Niña influenciará as condições climáticas de todo o globo, com **impactos diretos na produção de alimentos, elevando seus preços**. Isto ocorre à medida que eventos climáticos extremos, como secas e inundações em potencial, irão trazer transtornos a um conjunto de produtos agrícolas importantes, do Sudeste Asiático à América do Sul.

Há uma tendência global de aumento nos preços dos produtos agrícolas. Muitos países tiveram suas **cadeias de produção de alimentos afetadas pela pandemia** ou por condições climáticas específicas. Os desequilíbrios na disponibilidade e nos preços dos alimentos poderão ser agravados, a partir de agora, com a chegada do La Niña.

Os **preços dos alimentos estão pressionados**, no Brasil, tanto pelo aumento da demanda interna, em função do auxílio emergencial, quanto pelo crescimento da procura de outros países, em um cenário de exportações estimuladas pelo dólar mais caro.

>> **Leia também:** [O que se sabe até agora sobre como o clima afeta o coronavírus?](#)

A expectativa para o último trimestre de 2020 e o primeiro trimestre de 2021 é preocupante, diante das **muitas incertezas no mercado de commodities agrícolas**. Vários fatores irão afetar a segurança alimentar da população brasileira, elevando os preços dos produtos. Como consequência, poderá haver aumento da fome e subnutrição, bem como da pobreza, afetando a população de baixa renda.

Dentre as causas que já pressionam a produção e disponibilidade de alimentos, estão: impactos climáticos do La Niña, em diferentes regiões agrícolas; **problemas com abastecimento alimentar, em função da pandemia**; instabilidade da moeda nacional e aumento da demanda do mercado externo, por produtos brasileiros. Como consequência, está a inflação, já observada, no preço dos alimentos.

Os efeitos do La Niña já são observados no clima das regiões brasileiras, sobretudo no Centro-Sul. **O pico deve acontecer entre novembro deste ano e janeiro de 2021**, com os maiores impactos sentidos no próximo verão.

La Niña fraco pode ter impactos ampliados



La Niña reduzirá volume dos reservatórios e produção de energia elétrica.

Apesar de o La Niña deste ano ter duração curta, com intensidade variando de fraca a moderada, **há uma expectativa falaciosa de que nem todas as consequências do fenômeno sejam sentidas.**

Todavia, o meteorologista Humberto Barbosa, do Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélites ([Lapis](#)), ressalta que por causa da fase negativa da Oscilação Decadal do Pacífico (ODP), desde outubro de 2019, **os impactos de um La Niña fraco podem ser amplificados.**

A ODP é um fenômeno caracterizado pela alternância da temperatura das águas do Pacífico, em períodos que duram de 20 a 30 anos. Desde 1998, **o mundo vivencia a fase negativa** da ODP, ou seja, o período em que essas águas encontram-se mais frias.

A Oscilação Decadal **não deve ser confundida com El Niño e La Niña**, que embora mudem a temperatura do mesmo oceano, são fenômenos de menor duração (de alguns meses a pouco mais de 1 ano). O El Niño se caracteriza pelo aquecimento das águas do

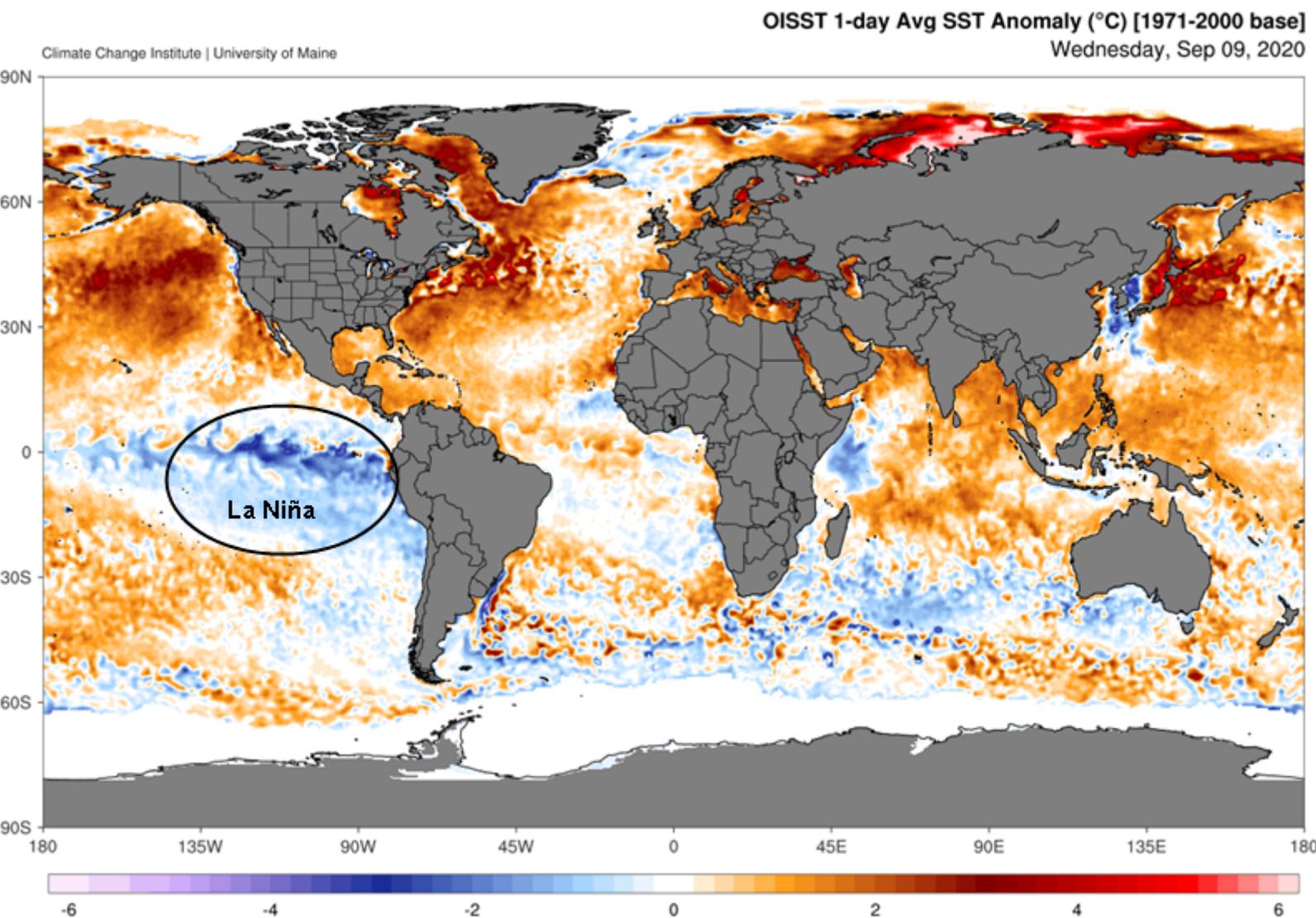
Pacífico tropical, enquanto o La Niña, como vimos, pelo seu resfriamento.

É por isso que, nas fases negativas da ODP (águas mais frias), como ocorre atualmente, os eventos de El Niño costumam ser mais brandos, **enquanto os de La Niña, são mais intensos**. Dessa forma, mesmo diante de um La Niña fraco ou moderado, seus impactos podem ser mais fortes do que o esperado.

Barbosa também destaca que, durante o verão, **as condições climáticas, nas regiões brasileiras**, também dependem da temperatura superficial do Atlântico. [Este post](#) detalha como ocorre essa influência.

Com base em informações de previsão climática obtidas junto ao Lapis, apresentamos, a seguir, como ficará o **clima nas regiões brasileiras**, na próxima primavera e verão.

Influência do La Niña no clima das regiões brasileiras



A frequência e volume de chuvas, na primavera, são cruciais para o bom desempenho da **produção de grãos**, na primeira safra, no Brasil.

Enquanto os produtores de soja, dos Estados Unidos, podem escapar dos danos do La Niña, com as colheitas normalmente concluídas em novembro, **a produção brasileira de grãos, no Centro-Sul, entra em alerta**. Afinal, o fenômeno é marcado por tempo seco e chuvas irregulares.

Há maior risco à soja brasileira, **se a estiagem e o calor enfraquecerem** as condições para o plantio, que costuma ocorrer de agosto a dezembro.

Em geral, durante eventos de La Niña, as temperaturas costumam ser mais amenas. Para o Brasil, **a tendência é de um final de primavera e início de verão com menos calor**. Todavia, há muita variação. No Centro-Sul, os meses de setembro e outubro serão bastante quentes. No extremo Sul, também haverá temperaturas mais altas em novembro.

Durante a primavera, **o La Niña vai atrasar a regularização da chuva**, no estado do Paraná, bem como em boa parte das regiões Sudeste e Centro-Oeste. Nestes locais, a previsão é de um volume de chuva acumulado abaixo da média, afetando o plantio de alimentos, como soja, cana de açúcar e milho.

De uma forma geral, o Sul do Brasil enfrentará estiagem, na primavera e em parte do verão. No extremo Sul do Brasil, os **impactos maiores do La Niña devem começar a partir de outubro**. Os ventos interferem na velocidade das frentes frias, que irão passar mais rápido por aquela área, provocando menos chuva.

Em setembro, a chuva ainda será frequente, em grande parte do Rio Grande do Sul, **reduzindo os impactos do La Niña**, no cultivo do milho. Todavia, a partir de outubro e, principalmente, de novembro, a estiagem afetará o desenvolvimento da soja gaúcha, bem como do milho e soja da Argentina.

Desse modo, apesar da intensidade mais branda do atual La Niña, não se esperam **menores impactos da estiagem no Sul, em relação à safra passada**. Na última safra, a estiagem foi duradoura e abrangente, pois afetou toda aquela região, desde novembro de 2019. Para este ano, a previsão é que a estiagem se generalize na região logo em outubro.

Outro fato atípico do La Niña deste ano é a **previsão de estiagem, para o Sudeste e Centro-Oeste**, no verão de 2021, principalmente em fevereiro. Especialistas afirmam

que, como o fenômeno não será muito duradouro e há previsão de aquecimento do Pacífico, já em meados do próximo ano, sua característica é comparável ao que ocorreu no biênio 2006-2007.

Todavia, o meteorologista Humberto Barbosa ressalta que uma das características da influência do La Niña, sob efeito da ODP, é provocar condições climáticas extremas. "Haverá muita variabilidade climática, principalmente em fins da primavera e início do verão. Em novembro, **as regiões Sudeste e Centro-Oeste, principalmente as áreas costeiras, estarão sob atenção**, em função de grandes volumes de chuva", chama atenção o especialista.

Em setembro e outubro, a chuva será abaixo da média, com **ocorrência de frequentes veranicos (vários dias sem chuva)**, em Matopiba. A região é formada pela confluência de territórios dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia.

Considerada a nova fronteira agrícola nacional, Matopiba é especializada principalmente na **produção de soja e milho**, tendo papel importante também nas culturas de arroz e algodão.

A partir de novembro, **haverá maior regularidade na frequência da chuva**, em Matopiba. São esperados volumes acima da média, principalmente em Tocantins e na Bahia.

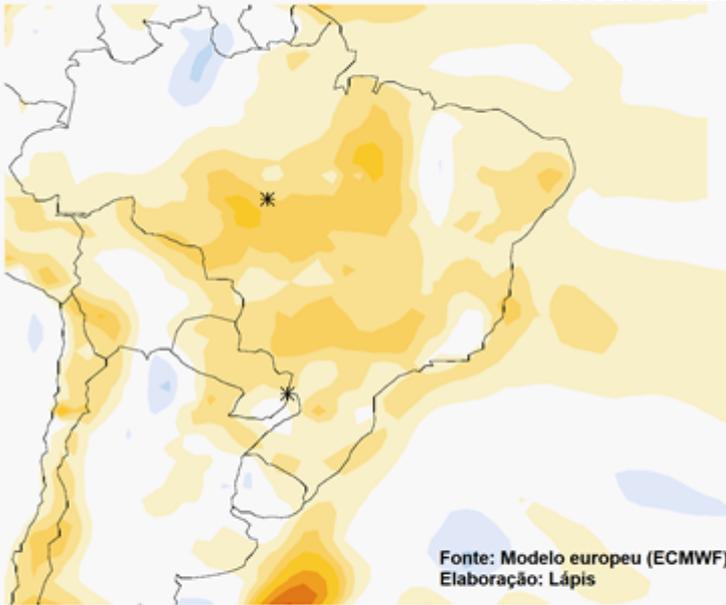
O La Niña pode favorecer a agricultura, **nas regiões Norte e Nordeste**, no próximo verão, também com possibilidade de [chuva acima da média](#). As frentes frias, que costumam causar precipitação no Sul, acabam passando mais rápido sobre aquela região, alcançando, assim, o Norte e Nordeste.

Nos mapas abaixo, você pode conferir a **previsão de chuva e temperatura para a sua região, em outubro e novembro** de 2020. Ressaltamos que essa previsão, feita a partir de modelos climáticos, considera uma condição média, podendo haver picos de veranicos (muitos dias sem chuva) ou dias de chuva muito intensa.

No mês de outubro, a maioria das áreas do Brasil terá mais dias quentes do que com temperatura baixa. A chuva retorna, mas em função do La Niña, **trará muito mais irregularidade e será de baixos volumes**, sobretudo na área central do País. Lembrando que a chuva de início de primavera já é normalmente irregular e não beneficia igualmente uma grande região.

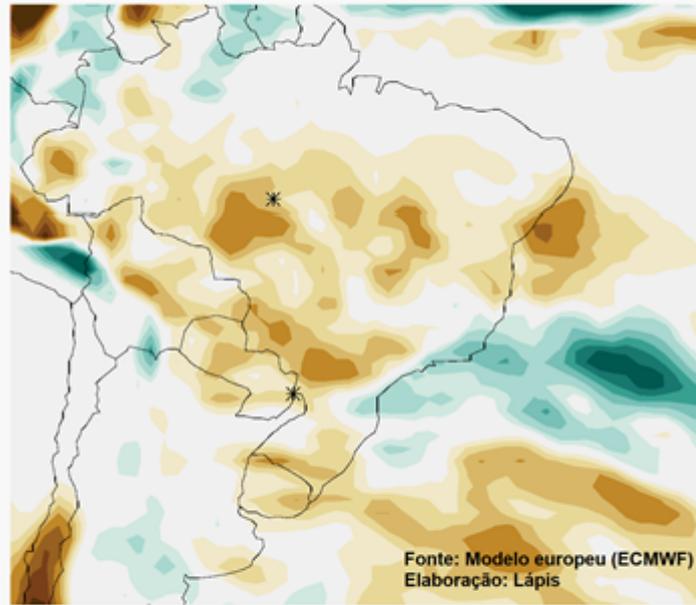
TEMPERATURA MÉDIA MENSAL

OUTUBRO 2020

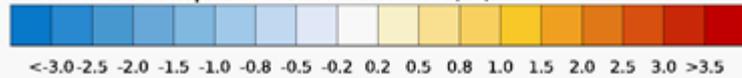


CHUVA ACUMULADA MENSAL

OUTUBRO 2020



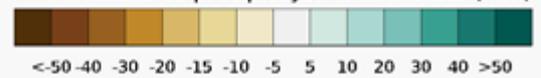
Anomalia da temperatura média mensal (°C)



Calor Diminui

Calor Intenso

Anomalia da precipitação total mensal (mm)



Muito Seco (veranico)

Muito Úmido

Previsão climática para o mês de outubro, no Brasil. Elaboração: Lâpis.



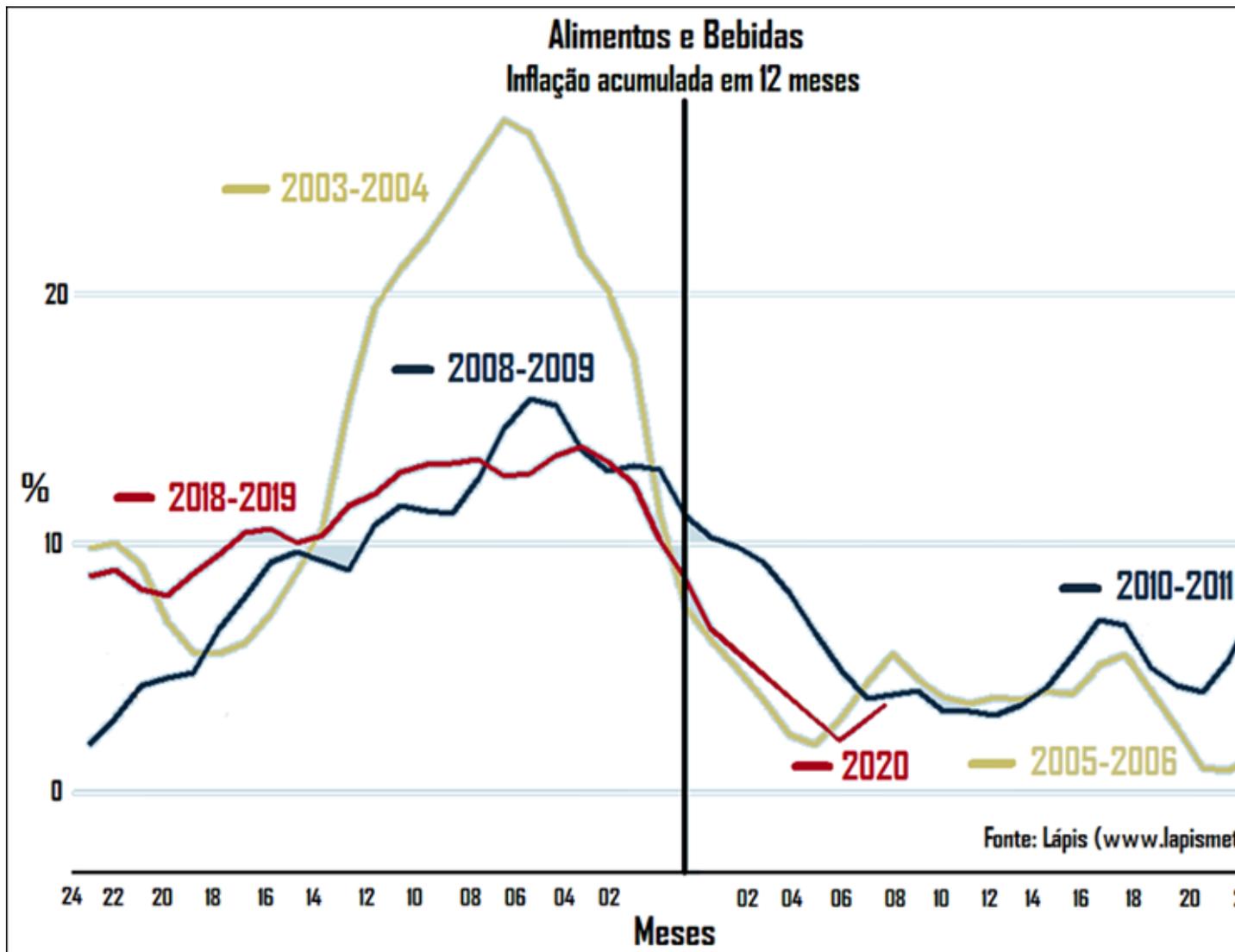
La Niña afetará preço do trigo no Brasil.

O último evento significativo de [La Niña](#) ocorreu no período 2010-2011. Um La Niña fraco ou moderado **costuma interferir na colheita**, bem como na qualidade das safras, dos produtos agrícolas.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), em fevereiro de 2011, **os preços dos alimentos atingiram recorde**, com um aumento de 37%, em relação ao final de 2009.

O gráfico abaixo mostra a inflação acumulada, em 12 meses, em alimentação e bebidas, nos anos com El Niño (2004 e 2009), quando ocorreram as **principais quedas nos preços dos alimentos**. Podemos ver que a curva de 2020 se assemelha à de 2009.

Observe no gráfico que, o fim do El Niño, no início do 2º semestre de 2019, já contribuiu para **reduzir significativamente a inflação, no final do ano passado**, aliviando também o impacto nos preços no primeiro semestre de 2020.



Inflação nos preços dos alimentos, em anos de El Niño.

A relação direta entre o La Niña e a inflação nos preços dos alimentos já é algo comum, sempre que ocorre esse evento climático. **A incerteza, em relação aos números da inflação dos alimentos**, para o último trimestre de 2020 e o primeiro trimestre de 2021, ainda é bastante considerável.

O La Niña perturba a produção de uma ampla gama de produtos agrícolas, como soja, milho, açúcar, café, trigo e algodão. A agência Bloomberg fez um levantamento dos possíveis **impactos do fenômeno climático sobre a produção de alimentos**, em diferentes países.

Em relação à soja, cerca de 80% da produção está concentrada nos **Estados Unidos, Brasil e Argentina**. Na temporada 2011-2012, a produção de soja do Brasil caiu 12%. Safras menores podem elevar os preços do produto.

O café é cultivado principalmente no Brasil, que será atingido pela estiagem, **durante o atual La Niña**. No período de 2010 a 2012, quando houve o último grande La Niña, os preços do produto subiram até 127%.

O La Niña também deve afetar a produção de trigo, na Argentina, em 2020. O país vizinho é um dos maiores exportadores mundiais do produto e **principal fornecedor do Brasil**. No oeste da Argentina, já há registro de estiagem. Há risco de o fenômeno também provocar dificuldades para o plantio de soja e milho, naquela região agrícola.

A produção de açúcar na Austrália, Brasil e Tailândia também pode ser impactada. O **La Niña normalmente afeta uma ampla gama de *commodities* agrícolas**, por provocar excesso de chuva na Austrália e no sudeste da Ásia, com potencial de inundações. No norte da Austrália, chuvas fortes podem atrasar a colheita.

O La Niña pode provocar impacto negativo também na produção de algodão. **As condições mais secas do que o normal**, no Sul e Centro-Oeste do Brasil, bem como no norte da Argentina, podem ter um impacto negativo nas plantações.

Conclusão

O La Niña reduzirá o volume e a qualidade dos alimentos no Brasil, justamente por reduzir as chuvas em regiões e períodos decisivos para o plantio. Associadas a atual condição climática, que afeta todo o mundo, estão as incertezas no controle da pandemia, em um **mercado de produção de alimentos, globalmente desestabilizado**, pelos dois fenômenos excepcionais.

Há quem diga que a **inflação dos produtos agrícolas será transitória** e que, em breve, os preços dos alimentos voltarão ao normal. No entanto, para a primavera e verão, no Brasil, recomenda-se cautela, pois o cenário será desafiador.

O La Niña afetará não apenas a produção de alimentos essenciais no Brasil, mas também **produtos agrícolas importados**, que fazem parte da mesa dos brasileiros. Questões cambiais, como o aumento do dólar e as demandas externas por *commodities* agrícolas, sem regulamentação das exportações, completam o cenário preocupante.

Vale lembrar que o La Niña também reduz o volume dos reservatórios e **impacta na produção de energia elétrica**. Além disso, provoca aumento das queimadas, nos biomas brasileiros, como na Amazônia, o que não é interessante para o agronegócio brasileiro.

Seja um colaborador. Quando você faz uma doação de qualquer valor, sua contribuição se transforma em difusão de conhecimentos científicos relevantes, em benefício da sociedade brasileira.

Apoie o Letras Ambientais

**Post atualizado em: 22.09.2020, às 10h36.*

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

LETRAS AMBIENTAIS. [Título do artigo]. ISSN 2674-760X. Acessado em: [Data do acesso]. Disponível em: [Link do artigo].

Instituto



Quem somos

O Letras Ambientais é uma instituição privada, sem fins lucrativos. Seu objetivo é a defesa, preservação e conservação do meio ambiente.

Endereço para correspondência: Av. José Sampaio Luz, 1046, Sala 101 – Ponta Verde. Maceió (AL). CEP: 57035-260.

Fone: (82) 3023-3660 **E-mail:** contato@letrasambientais.org.br

ISSN: 2674-760X



